



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Brazil Modal

Data: 10/09/2012

Caderno / Página: - / -

Link: <http://www.brazilmodal.com.br/2012/detalhe.asp?sec=high&id=9173>

Assunto: Abandonado, álcool dobra de preço da usina ao consumidor

Abandonado, álcool dobra de preço da usina ao consumidor



Da usina de cana-de-açúcar até o tanque do carro, o preço do álcool hidratado dá um salto de 101%. O litro, que sai das caldeiras a R\$ 1,03, segundo preço médio calculado pela Escola Superior de Agricultura Luiz Queiroz (Esalq/USP), chega às bombas de Belo Horizonte a R\$ 2,07, de acordo com a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). No meio do caminho, além dos custos com frete, mão de obra e lucro para distribuidoras e postos, ele incorpora impostos que somam R\$ 0,54 por litro, ou seja, 26% do preço final.

Com valor alto, o consumidor dá preferência à gasolina. O funcionário público Plínio Fraga, 33, por exemplo, tem carro flex, mas não coloca álcool desde 2010. "Eu até sabia que os impostos eram altos, mas não imaginava que a diferença era tanta da usina para a bomba. Se fosse mais barato, lógico que eu daria preferência", diz.

Com o abandono dos consumidores e sem políticas fortes para o setor, o etanol hidratado vai chegando aos 40 anos de vida com volume 41,6% menor do que o de 2009, quando o consumo do combustível atingiu seu ápice. De janeiro a julho deste ano, foram comercializados 5,398 bilhões de litros, contra 9,255 bilhões litros vendidos no mesmo período de três anos atrás.

Apesar da alta carga tributária, o maior responsável pela crise da meia-idade do combustível (criado em 1973 com o Pró-Álcool) não são os impostos, mas seu concorrente direto: a gasolina. Ou melhor, o tratamento diferenciado que ela vem recebendo do governo para manter seu preço estável.

Na prática, isso tem deixado o etanol cada vez menos vantajoso e menos consumido. Uma política reconhecidamente nociva ao setor do álcool.

Para ser competitivo, etanol tem que custar nas bombas até 70% do preço da gasolina. Hoje, essa relação é de 76% em média na capital mineira, segundo a ANP. Em junho, o governo zerou a Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), que tinha um impacto de R\$ 0,09 por litro.

O presidente interino da Associação das Indústrias Sucroenergéticas de Minas Gerais (Siamig), Mário Campos, diz que qualquer redução de impostos ajuda, mas a solução para a crise vai além dos créditos tributários. "Uma adequação do preço da gasolina ao mercado internacional equalizaria boa parte dos nossos problemas", diz.

"Aumentar o preço da gasolina é algo que o governo não vai fazer. Então, para trazer de volta a competitividade do etanol, tem que tratá-lo com igualdade, não adianta desonerar só a gasolina. Se não for por desoneração, o complemento do preço do etanol tem que vir de outra forma, com política de juros, financiamento, enfim, o governo tem que alinhar as alternativas", receita o presidente interino da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), Antônio de Pádua. Diante da queda no consumo e da falta de incentivos fiscais, 41 usinas já fecharam as portas no país desde 2008.

Nos planos da Petrobras, o etanol também está perdendo prioridade. O plano de investimento de 2012/2016 para aumentar a produção é de US\$ 1,84 bilhão. O montante é 3,1% menor do que os US\$ 1,9 bilhões anunciados no plano de 2011/2015. Com isso, a participação na matriz energética será reduzida de 2% para 1,6%.

Corte em PIS/Cofins e ICMS traria competitividade - O álcool custa, em média, R\$ 2,07 em Belo Horizonte. Para ser competitivo, teria que custar 70% do valor médio da gasolina (R\$ 2,71), ou seja, R\$ 1,89. Para chegar a esse patamar com desoneração tributária, o governo federal teria que zerar o PIS/Cofins, que é de R\$ 0,12 por litro. Ainda assim, seria necessário cortar mais R\$ 0,06, o que seria possível se o governo estadual reduzisse a alíquota do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) sobre o etanol, uma das mais altas do país, para, pelo menos, 16%.

Hoje, ela é de 19% sobre o Preço Médio Ponderado Final (PMPF), que é de R\$ 2,223 no Estado. Portanto, tem peso de R\$ 0,42 por litro. Se os R\$ 0,06 fossem retirados dessa fonte, a arrecadação do ICMS cairia para R\$ 0,36 por litro, o que daria os 16% sobre o PMPF.

Os postos compram álcool das distribuidoras por R\$ 1,72. Outra forma de se chegar ao preço ideal de R\$ 1,89 seria cortar a margem de lucro do varejo em pelo menos R\$ 0,17. Entretanto, o presidente do Sindicato dos Postos de Combustíveis de Minas Gerais (Minaspetro), Paulo Miranda, explica que, com esse ganho, não seria possível manter todas as despesas que envolvem o negócio, como gastos trabalhistas, por exemplo.

O presidente do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes (Sindicom), Alisio Vaz, explica que, segundo levantamentos do setor, os postos não conseguiriam sobreviver com uma margem de lucro inferior a R\$ 0,30 por litro. Hoje, essa margem de lucro dos postos da capital mineira gira em torno de R\$ 0,34, segundo dados da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), usados como referência para os demais cálculos dos preços médios do etanol e da gasolina em Belo Horizonte.

Nas bombas, as vendas caíram 17% nos primeiros sete meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado, segundo dados da ANP. Mas, apesar de afugentados pela desvantagem de preço, ainda existem consumidores como a engenheira Márcia Gorett Ribeiro Grossi, que só abastece com álcool. "Eu sei da carga tributária alta, mas nem pergunto o preço. Uso álcool porque é melhor para o meio ambiente. Eu acho que muita gente nem sabe disso e aí é que o governo deveria entrar, fazendo uma campanha de conscientização e dando incentivos para as pessoas usarem um combustível mais limpo", afirma Márcia.

Fonte: O Tempo - MG